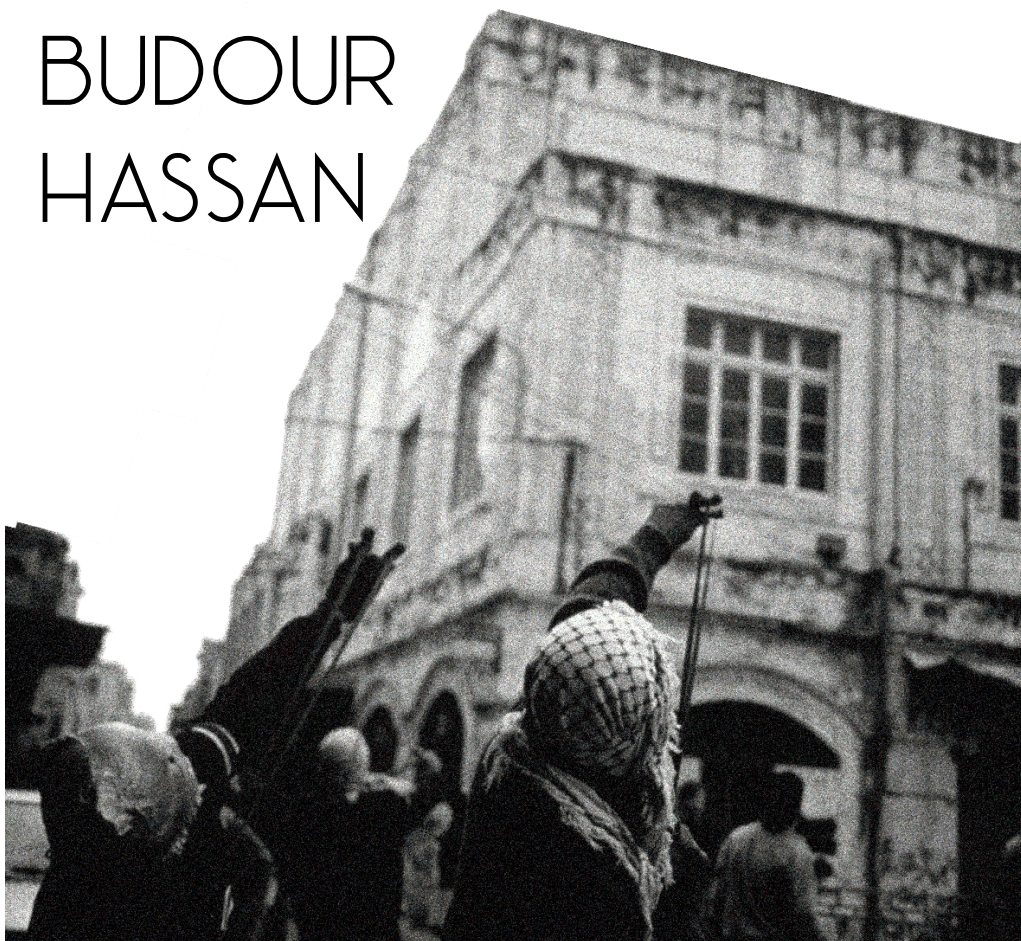


DESAFIANDO O ANARQUISMO BRANCO

BUDOUR
HASSAN



título original: *The colour brown: de-colonising anarchism and challenging white hegemony*. Budour Hassan, 2013

tradução: edições insurrectas,
verão de 2024.

este texto está disponível em
edicoesinsurrectas.noblogs.org

**INCITAMOS À PIRATARIA,
ODIAMOS A PROPRIEDADE!**

**ABOLIR AS FRONTEIRAS,
ESMAGAR O COLONIALISMO!**

**PALESTINA LIVRE
DO RIO AO MAR!**

APRESENTAÇÃO

por edições insurrectas

O texto a seguir foi escrito em julho de 2013 por Budour Hassan, jornalista palestina próxima dos meios anárquicos da região hoje conhecida como Jerusalém, onde vive. Nele, Hassan aborda a necessidade de promovermos deslocamentos de perspectiva quando se trata das lutas antiautoritárias fora do que se convencionou chamar de “mundo ocidental”. Sem dúvida as práticas anarquistas possuem princípios éticos básicos e inegociáveis como a ação direta, a autonomia, o antiautoritarismo e o anticapitalismo. Todavia, os combates nos quais elas ocorrem não são homogêneos, sendo atravessadas pelos contextos culturais de cada região. Nesse sentido, ela nos provoca a pensarmos para além do imaginário universal ocidental sem cair na defesa absurda de um relativismo no qual “tudo vale” ou da busca por justificar valores e práticas inconciliáveis com as lutas antiautoritárias.

Temos alguns pontos de discordância com Hassan, em especial quando ela lança mão de categorias ocidentais e universalistas como “direitos humanos” ou “liberdade religiosa” em sua análise sobre os ataques de anarquistas contra integrantes da Igreja católica durante a revolução de 1936 no território conhecido como Espanha. Em nossa perspectiva, tais categorias são cristalizações de valores próprios do liberalismo (e do neoliberalismo). A primeira delas deriva do final da chamada Segunda Guerra Mundial – mais especificamente de 1948, ano em que se promulgou a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) –, quando os Estados capitalistas ocidentais buscavam disseminar a democracia como o novo universal e conter as revoltas e revoluções que eclodiam em diferentes regiões do planeta. As palavras

não são *neutras*, quando falamos de *direitos humanos*, mesmo que em um uso *tático*, mobilizamos uma história política de atualização do liberalismo e da democracia. Já em relação ao que seria a *liberdade religiosa*, a questão para nós anarquistas nunca foi sobre a crença de uma ou outra pessoa, e sim sobre manter acesa a luta anticlerical, ao combate às religiões enquanto instituições que mobilizam valores morais e fundamentam exercícios de governo no atravessar dos séculos. Nesse sentido, não nos interessa reivindicar nem a concepção de *direitos*, nem mesmo de *humano*, nem tampouco entrar na armadilha sobre as “crenças individuais”.

Ainda assim, tomamos a atitude de traduzir e difundir o texto em questão por considerar que ele traz questões importantes para pensarmos a relação entre as forças antiautoritárias e o combate às investidas coloniais que seguem em uma atualização permanente, estas últimas impregnando até mesmo parte considerável dxs anarquistas do chamado ocidente, que só reconhecem a potência e a tensão anárquica das lutas quando estas são feitas à sua imagem e semelhança.

que sigamos afiando o punhal e aguçando os ouvidos.

edições insurrectas
verão de 2024.

**DESAFIANDO O
ANARQUISMO
BRANCO**

Budour Hassan

A aparição nas ruas do Cairo, em janeiro de 2013, do *Black Bloc* egípcio desencadeou uma euforia sincera nos círculos anarquistas ocidentais. Nenhum interesse foi dado à perspectiva política do *Black Bloc* – ou à sua ausência –, às suas estratégias ou às suas posições a nível econômico e social. Para a maioria das pessoas anarquistas ocidentais, bastava-lhes que adeptxs do *Black Bloc* se parecessem e se vestissem como elas para despertar admiração incondicional. As páginas do *Facebook* de anarquistas israelenses foram inundadas com fotos de adeptxs do *Black Bloc* em questão. Navegar na blogosfera de anarquistas estadunidenses durante este período dá a impressão de que tal *Black Bloc* marcou o primeiro encontro que o Egito teve com o anarquismo ou o antiautoritarismo.

Todavia, como salientou o escritor norteamericano Joshua Stephens, a reação de alegria expressa por uma série de anarquistas ocidentais pelo *Black Bloc* levanta questões sombrias sobre a sua obsessão pela forma e pela representação, em vez da *substância* e das ações. Em outras palavras, tais anarquistas não são tão diferentes dos islamitas, que foram rápidos a rotular a tática *Black Bloc* como blasfema e ímpia por causa do seu estilo ocidental. Além disso, muitas reações revelaram a atitude orientalista de anarquistas ocidentais, nomeadamente através do seu desprezo pela abundante história do anarquismo no Egito e no chamado Oriente Médio. Como demonstra o anarquista egípcio Yasser Abdullah, o anarquismo no Egito remonta à década de 1870 e alimentou a revolta anticolonial *Urabi Pasha* de 1881; anarquistas gregxs e italianxs também organizaram greves e manifestações com trabalhadorxs egípcixs. Estas lutas são casualmente descartadas por quem, hoje, age como se este *Black Bloc* fosse o primeiro grupo autenticamente radical a agraciar o solo egípcio.

Este artigo tende a mostrar que a recepção superficial dada no Egito a este *Black Bloc* nada mais é do que um exemplo da necessidade do “anarquismo branco” se distanciar de uma atitude orientalista, da qual os países ocidentais de esquerda geralmente não estão isentos. Demonstrarei que este fracasso é atribuível ao fato de o anarquismo ocidental não ter sido completamente descolonizado. Começarei por explicar como o comportamento colonial contribuiu para que o campo republicano na Revolução Espanhola deixasse de lado a questão do colonialismo espanhol no Norte de África, ao ponto de a sua luta ser travada principalmente contra o fascismo na metrópole. Porque se a revolução espanhola continua a ser uma referência para os atuais movimentos anarquistas, não é surpreendente que tal comportamento colonial tenha levado os movimentos contemporâneos a ignorar séculos de lutas anti-autoritárias na Ásia, África e no chamado Oriente Médio. Um processo de descolonização incompleto também significa que muitos movimentos anarquistas ocidentais, tal como o seu discurso, permanecem inteiramente dominados por pessoas brancas, que continuam a excluir as *peças de cor*. Finalmente, enfatizarei que não só o “anarquismo branco” tende a condenar as pessoas não brancas ao ostracismo, mas a sua ênfase numa determinada imagem e num estilo particular também leva à marginalização de pessoas com deficiência e de quem não se identifica necessariamente como anarquistas, apesar das suas atitudes violentamente antiautoritárias. Finalmente, o artigo utilizará a organização *Anarquistas Contra o Muro* (Anarchists Against The Wall) como um exemplo específico das várias fraquezas do *anarquismo branco*, nomeadamente a exclusividade, o elitismo e a sua incapacidade de desafiar adequadamente os seus próprios privilégios.

VOLTANDO À REVOLUÇÃO ESPANHOLA

Apesar da derrota final da Revolução Espanhola, anarquistas continuam a vê-la como uma inspiração para o anarco-sindicalismo e o autogoverno anti-hierárquico. Foi uma guerra desproporcional contra uma poderosa máquina militar, apoiada e armada até aos dentes pela Itália fascista e pela Alemanha nazi. Contudo, nenhum modelo anarquista, nenhuma figura ou nenhum acontecimento importante pode estar isento de todas as críticas (uma virtude que distingue o anarquismo de grande parte da esquerda tradicional).

Embora seja um modelo inspirador, a Revolução Espanhola esteve longe de ser uma utopia perfeita; foi marcado por inúmeras anomalias e falhas. Este não será o tema deste artigo, porém, é necessário identificar essas falhas, incluindo a brutal violação dos direitos humanos pelas forças republicanas, a aliança forçada entre burgueses e stalinistas, os conflitos fúteis de assuntos internos e muitos outros erros estratégicos.

Revolucionárixs muitas vezes não têm o luxo de escolher com quem se aliar e a falta de alternativas dentro da esquerda leva, em muitos casos, a aceitar o apoio de potências ideologicamente opostas. Entretanto, mesmo reconhecendo que ninguém espera que uma revolução seja inteiramente pura, em nenhum caso foram condenadas as execuções em massa e a repressão das liberdades religiosas¹. O principal

1 Nota Edições Insurrectas.: O elemento anticlerical esteve presente com intensidade na revolução naquele território, incluindo a queima e destruição de igrejas, expropriação de propriedades religiosas, entre outros. Independentemente da discussão acerca do que a autora chama

“erro” estratégico e moral sobre o qual gostaria de me concentrar reside aqui na questão da colonização espanhola no Marrocos e no Saara Ocidental – uma questão absolutamente varrida pelas explosões de violência na metrópole da época.

Totalmente empenhadxs na sua luta contra o fascismo e a tirania, revolucionárixs ignoraram o colonialismo espanhol, o fascismo e a tirania espalhados por todo o Mediterrâneo. De acordo com a maioria das narrativas revolucionárias, o nível de desumanização do *Outro* era tão elevado que o único papel que restou aos colonizadxs marroquinxs foi o de mercenárixs, muitas vezes importadxs pelo General Francisco Franco para esmagar a Frente Popular. Por sua vez, as referências utilizadas pela opinião pró-revolucionária para se referir às pessoas marroquinas eram geralmente traduzidas em termos racistas. Embora admitindo que seja difícil argumentar que a solidariedade mútua entre revolucionárixs na Espanha e colonizadxs marroquinxs poderia ter mudado o resultado da guerra, é igualmente complicado imaginar que esta solidariedade nunca foi uma prioridade. Como aponta o falecido historiador americano Howard Zinn: “No curto prazo (e até agora a história da Humanidade consistiu apenas em curtos prazos) as vítimas, elas próprias desesperadas e corrompidas pela cultura que as oprime, são, geralmente, hostis às outras vítimas.”

Por outro lado, o anarquismo na sua essência significa a rejeição e a luta contra todas as formas de autoridade e subjugação, incluindo o colonialismo e a ocupação militar. Para ser verdadeiramente antiautoritária, portanto, qualquer luta contra o fascismo e a ditadura interna deve

de “liberdade religiosa”, a Igreja Católica e seus representantes (padres, freiras, bispos etc) eram um dos (se não o maior) pilares do fascismo franquista. Logo, combatê-lo era combater também a própria estrutura religiosa e seus elementos morais.

ser internacionalista e não pode ser separada da luta contra o fascismo e a tirania no estrangeiro, em especial no seu papel enquanto uma potência colonial.

Olhar para trás, para a Revolução Espanhola, no momento em que assinalamos o seu 77º aniversário, é relevante na medida em que anarquistas ainda não aprenderam as suas principais lições. Com algumas exceções, os movimentos libertários ocidentais ainda são predominantemente brancos, involuntariamente (ou talvez conscientemente) orientalistas, centrados no Ocidente, até mesmo elitistas, e hostis com pessoas que não se parecem com eles. Assim, as lutas antiautoritárias no chamado Oriente Médio, África e Ásia são geralmente ignoradas. Devemos, no entanto, enfatizar que anarquistas não-brancos têm uma responsabilidade significativa pela falta de documentação e relatos. O livro excepcional de Maia Ramnath, *Decolonizing Anarchism: An Anti-authoritarian History of India's Liberation Struggle*² e o de Ilham Khury Makdissi, *The Eastern Mediterranean and the Making of Global Radicalism, 1860-1914*³ estão entre as raras tentativas de propor uma história alternativa do antiautoritarismo nas regiões esquecidas deste planeta.

2 <http://www.akpress.org/decolonizinganarchism.html>

3 <http://www.ucpress.edu/book.php?isbn=9780520262010>

SEM RÓTULOS

Estes livros são a prova de que as lutas antiautoritárias nos países em desenvolvimento são anteriores à tática *Black Bloc* no Egito mencionada no início do artigo. O anarquismo não é um rótulo, uma marca ou um selo, e torná-lo uma moda passageira prejudica o movimento além da medida.

O anarquismo é o entendimento inabalável, como escreveu Alexander Berkman, de que “você é livre, que ninguém pode lhe escravizar, lhe comandar, roubar ou impor qualquer coisa. Isso significa que você é livre para fazer o que quiser e que não pode ser forçado a fazer algo que não deseje.” No entanto, a obsessão de intelectuais brancos com “-ismos” e a sua tendência para conceituar excessivamente e colocar as pessoas em categorias estáticas resulta na exclusão de muitos anarquistas, simplesmente porque não se rotulam tal ou porque não se “parecem” com anarquistas.

As mulheres que conheci no dia 15 de Julho durante a manifestação na cidade “israelense” de Berseba ilustraram perfeitamente esta situação. O protesto fez parte da greve nacional palestina contra o Plano Praver – o projeto de lei de desenvolvimento do Knesset (assembleia legislativa de Israel) que prevê a remoção forçada de mais de 40 mil beduínos árabes de suas terras ancestrais no deserto de Negev, no sul do território ocupado pelo Estado de Israel, o confisco de 800 mil pedaços de terra e a demolição de 35 aldeias palestinas, supostamente “não reconhecidas”. As mulheres da região agitaram o protesto com os seus cânticos, bloquearam as estradas e heroicamente mantiveram-se firmes contra a ocupação de militares israelenses e da Unidade Especial de

Polícia – que as espancaram com os seus cassetetes. Uma foto emblemática, a do sorriso digno de Rouya Hzayel, de 15 anos, durante a sua prisão, encarna a atitude desafiadora das mulheres palestinas.



No primeiro ataque levado a cabo pela polícia de ocupação israelense, manifestantes reagruparam-se para defender os slogans trazidos pelas mulheres. Num impulso virilista, os “líderes” políticos patriarcais, os mesmos que lideram todos os protestos nos territórios ocupados, tentaram dispersar a manifestação para evitar qualquer confronto com a polícia israelense. Contudo, mais uma vez, foram xs beduínxs, recusando-se a calar-se e a voltar para casa, que persistiram em gritar para manter a manifestação até que todas as pessoas detidas fossem li-

bertadas. Finalmente, quando o protesto se extinguiu na efervescência da solidariedade feminista, uma idosa palestina, originária de *Al-Araqib*, uma aldeia beduína demolida 53 vezes nos últimos três anos pela ocupação israelita, gritou: “Quando eles demolirem a nossa casa, fazemos do cemitério da aldeia a nossa própria casa. Eles ameaçam destruí-lo também, e bem, cavaremos sepulturas com nossas próprias mãos e nos instalaremos lá dentro. Protegeremos nossas cabeças e o resto dos túmulos.”

Durante esta manifestação, as mulheres do *Negev* desafiaram a autoridade colonial do Estado ocupante e a hegemonia patriarcal local. Ridicularizaram os estereótipos orientalistas – que retratam as mulheres beduínas como sem voz e incapazes de mobilização – e demonstraram que eram livres para fazer o que quisessem. A grande maioria destas mulheres certamente nunca ouviu falar de Emma Goldman nem leu as brochuras de Piotr Kropotkin – algumas nem sequer falam inglês. No entanto, embora incorporem o significado essencial do antiautoritarismo, estas mulheres e outras figuras semelhantes serão excluídas do discurso anarquista dominante, porque não se enquadram na definição estreita e complexa, nos termos e estilos de vida ocidentais.

ONDE ESTÃO AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA?

Outro grupo totalmente marginalizado em muitos círculos anarquistas, são as pessoas consideradas com deficiência – que não são capazes de lançar *molotovs*, formar *Black Blocs*, levar uma *vida anarquista*, ou se desviar da civilização porque dependem de tecnologias modernas na sua vida cotidiana. Isto não significa que não possam ser antiautoritárias como qualquer outra pessoa sem deficiência, mas que têm circunstâncias e necessidades agravantes que devem ser respeitadas e integradas no movimento anarquista. Elas são capazes de organizar ações diretas, protestos, organizar a desobediência e transformar a sua deficiência numa força e vantagem para o grupo como um todo. Elas não devem ser marginalizadas e tratadas com condescendência. E em vez de mandá-las para casa ou rejeitá-las, quem se considera companheirx deveria fazer um esforço extra para lhes dar espaço nas manifestações, sempre que possível.

As pessoas com alguma deficiência são geralmente excluídas dos movimentos anarquistas e não se sentem bem-vindas ou aceitas. No entanto, para que o anarquismo seja verdadeiramente unitário e heterogêneo, deve abraçar e integrar no seu seio as *pessoas não brancas*, com deficiência, pobres, rebeldes que não se automeiam assim e todas aquelas que não necessariamente se enquadram na definição já pronta do anarquismo ocidental, como demonstrado pelo exemplo mencionado de *Negev*.

ANARQUISTAS CONTRA O MURO

Amplamente homenageado e elogiado como o grupo de extrema-esquerda mais radical e revolucionário de Israel, Anarquistas Contra o Muro (ACM) é um exemplo perfeito das falhas e dos fracassos do “anarquismo branco”. Poderíamos lutar lado a lado, uma vez que membros da ACM são anti-sionistas, defendem a volta de refugiadxs palestinx e um país democrático na Palestina histórica, mas a maioria não aceita as críticas à realidade dos seus privilégios coloniais brancos. O objetivo da crítica não é queimar nem subestimar o trabalho realizado, muito menos questionar a sua coragem moral ou a sua resistência, mas sim lançar luz sobre os fracassos e deficiências dos grupos radicais da esquerda branca. Esta crítica ao ACM é dupla: (a) a nível institucional e (b) questionando a participação do grupo em manifestações na Cisjordânia ocupada.

Anarquistas Contra o Muro é uma organização composta em grande parte por israelenses *asquenazis*⁴ brancxs, burguesxs e educadxs, da

4 N. E. Insurrectas: asquenazis são pessoas da religião judaica de origem ocidental, consideradas brancas, integrantes de famílias oriundas de países europeus, que compõe as classes mais abastadas da população que vive dentro das fronteiras criadas pelo Estado de Israel; diferentemente da população sefardita, também chamados de “negra”, vinda com maior frequência de locais como Marrocos, Egito, Argélia, Iraque, Tunísia, Síria, Iêmen etc., que é constantemente alvo de racismo e da exploração de mão-de-obra barata. Para saber mais sobre tais diferenciações e hierarquizações, ver o texto “Os nós de um problema sem solução” (1989), do anarquista Alfredo Bonanno, que integra o livro “Palestina, Mon Amour”,

bolha de Tel Aviv: um clube VIP sectário que não aplica a democracia direta. Muitxs integrantes mobilizadxs no entorno da organização denunciaram a tomada de decisões reservada a um número limitado de veteranos eleitos. É claro que sempre sublinharam que estão conscientes dos seus privilégios, mas nunca reconheceram que estes são essenciais para eles na vida cotidiana e que lhes permitem uma escolha muito mais ampla de movimentos.

Por exemplo, levando em conta o *apartheid*, partir da estrada 433 de Tel Aviv – apenas para colônos – para protestar na Cisjordânia não é um ato revolucionário em si, nem é um desafio aos privilégios israelenses. Regressar de Ramallah a Jerusalém através dos postos de controle de Hizma⁵, reservados aos cidadãos israelenses, não é mais revolucionário do que ir se manifestar na Cisjordânia para se curar do complexo do libertador branco, estando ao mesmo tempo “consciente dos seus privilégios”. Participar todas as sextas-feiras nas manifestações liberais e “legais” de Nabi Saleh (pequeno povoado palestino em Ramallah e al-Bireh) e passar o dia todo falando hebraico perto do posto de gasolina sob nuvens de gás lacrimogêneo me parece contraprodcente.

Anarquistas israelenses entendem a sua presença como um ato de caridade com as aldeias e manifestações, como se a sua pele branca e os documentos de identidade israelenses fossem atributos supremos em si mesmos. Mas nem isso é verdade. A aldeia com a maior participação em protestos na Cisjordânia é Kafr Qaddoum, e apenas cinco israelenses comparecem aos seus protestos semanais. A alegação de que a presença de anarquistas israelenses protege palestinxs locais durante

traduzido e editado por nós em 2024.

5 N. E. Insurrectas: cidade palestina na província de Jerusalém, localizada a sete km da cidade velha.

os protestos é absurda, uma vez que são sempre palestinxs que estão na linha da frente e a sua presença não muda a violência das forças de ocupação. Graças à sua cidadania, anarquistas israelenses são, ao contrário dxs palestinxs, privilegiadx pela lei, mesmo quando presxs ou feridxs, tornando o mantra da “co-resistência” uma farsa completa.

Assim, quando o dia termina, depois de se esquivar de algumas balas, inalar gás lacrimogêneo e spray fétido⁶, e tirar algumas fotos dramáticas, anarquistas israelenses voltam para a colônia de Tel Aviv, às vezes por estradas exclusivas para judeus, e passam uma boa noite no bar. Entretanto, moradorxs das aldeias palestinas com quem “co-resistem” todas as sextas-feiras estão sempre sob a ameaça iminente de ataques noturnos e retaliações por parte de soldados israelenses.



Anarquistas israelenses devem levar em consideração que a sua participação nos protestos na Cisjordânia não ameaça de forma alguma o sistema. Se rejeitassem verdadeiramente os seus privilégios, isso significaria levar a cabo a luta de vida ou morte dxs colonizadx. Isto implicaria em que as suas ações xs tornassem indistinguíveis de moradorxs das aldeias palestinas com quem estão a “co-resistir”.

Para fazer isso, devem abandonar os seus privilégios dentro da sua comunidade. E antes de participarem em manifestações na Cisjordânia, deveriam primeiro reconhecer e trabalhar para dismantelar o sis-

6 N. E. Insurrectas: no original “skunk spray”, nome dado a uma arma química com cheiro podre lançada pelos militares israelenses contra as pessoas durante as manifestações.

tema de privilégios dos locais onde vivem, concentrar-se em trazer mudanças dentro da sua comunidade, travar batalhas longas e invisíveis, aquelas que não são transmitidas no YouTube, e livrar-se do “fardo do homem branco”. Palestinxs estão bem sem a ajuda deles. Até lá, continuarão a ser parte integrante do sistema que oprime, coloniza e sufoca as pessoas palestinas. Continuarão assim porque as suas vidas, tal como as vivem, continuam a depender desse mesmo sistema.



EDICOESINSURRECTAS.NOBLOGS.ORG